

TESTES LINGUÍSTICOS PARA O PRINCIPIANTE DE LATIM

*Paulo Farmhouse Alberto**

Somos frequentemente confrontados com níveis de dificuldade por parte do aluno principiante de latim que à primeira vista parecem irrisórios e que um aluno mais experiente resolve de imediato, mas que podem constituir obstáculo desmotivador.

Um dos tipos de dificuldades advém da homografia das desinências de caso; muitas vezes, o aluno hesitará longamente sobre que caso considerar em determinado contexto. Trata-se de um ponto sensível e vital; a hesitação e o possível erro neste elemento de análise levam a que a estrutura da frase fique, à partida, comprometida, e, como consequência, a «tradução» corra sérios riscos de ser errada. Daqui advirá a frustração do latinista neófito e a consequente desmotivação.

A esta sensação de «regras confusas do latim» no que respeita às desinências casuais, somam-se outras circunstâncias. Num contexto de exame, para dar um exemplo, ocorrem frequentemente situações singulares. O aluno pode saber os casos, as funções sintácticas e demais informação pertinente, e pura e simplesmente deixar-se dominar pelas hesitações. Exemplos ilustrativos poderíamos todos nós dar. Num exame ocor-

* Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

rido há uns anos, um aluno (que nem era propriamente muito mau aluno) insistia em traduzir *per nubem impulsu sagitta* (Aen. 12.856) por «a nuvem trespassou a flecha»; e passou horas de volta da frase, sentindo que algo estava mal, mas incapaz de vislumbrar a solução. Mais do que a profunda ignorância de noções tão simples como a de caso e função sintáctica inerente que este exemplo revela, e que desde logo impede a correcta transposição para o português, ele impressiona mais pelo contra-senso da «tradução», inverosímil, como os mais elementares conhecimentos empíricos nos clamam. Acima de tudo, ele testemunha que, amiúde, em situação de avaliação, o raciocínio dá lugar aos mais inconcebíveis níveis de erro. E todos nós poderíamos narrar incontáveis casos ilustrativos.

Por outro lado, há, muitas vezes, a tentação por parte do principiante de latim de olhar para a frase latina, atribuir-lhe impressionisticamente uma «tradução», após uma análise extremamente superficial, e passar o resto do tempo a tentar encaixar as palavras latinas na sua «tradução» imaginada; os casos tornam-se acessórios e espinhosos; e os resultados são previsivelmente pouco credíveis.

Tudo isto leva o aluno a sentir desânimo, motivado pelo sentimento de, não obstante ter memorizado as desinências de caso e correspondentes funções na frase, o latim ser confuso devido à mesma configuração gráfica de desinências de casos diferentes, de não haver regras claras, de que «a frase não faz sentido». Daqui à desmotivação é um pequeno passo.

Não cremos, porém, que nos devemos deixar levar *lamentis gemituque* (e muito menos *femineo ululatu...*), nem limitarmo-nos a reunir para contar tais episódios mais ou menos caricatos de incompetência, nem mesmo que continuemos a depositar sempre a responsabilidade de tais insucessos no fraco nível dos alunos. Mais produtivo afigura-se antes procurar soluções, em termos muito pragmáticos, para auxiliar o aluno. No fundo, trata-se de procurar inculcar-lhes uma certa disciplina mental, bem necessária quando o grau de conhecimentos e experiência de latim é muito reduzida.

Neste contexto, temos sido por diversas vezes solicitados a auxiliar os alunos, fornecendo-lhes estratégias simples e claras utilizáveis em caso de dificuldade ou hesitação, quer numa situação de exame, quer no trabalho em casa. Com efeito, a solicitação do aluno é frequentemente do tipo «como é que eu sei que a palavra X está no caso Y?». A resposta habitual «porque a frase quer dizer...», ou «porque é o sujeito», raramente satisfaz

o aluno. E nisso ele tem toda a razão. Este tipo de respostas é falacioso: «a frase quer dizer...» ou «porque é a função sintáctica Z» é o resultado final, e em nada ajuda o aluno a, numa outra qualquer situação, resolver um problema novo. Por outro lado, o que o aluno procura é uma estratégia muito prática, isolada mesmo do sentido do resto da frase, que ele possa utilizar como elemento de auxílio justamente para a construção do sentido da frase.

Assim, temos sugerido a utilização de pequenos testes linguísticos, meros elementos de reflexão de tipo «lógico», baseados em noções extremamente elementares da língua, a que o aluno possa recorrer num momento de hesitação ou mesmo que lhe transmitam apenas confiança e segurança no seu raciocínio. O propósito destes testes linguísticos é poderem ser utilizados na maioria das situações dos textos que geralmente são empregues na aprendizagem do latim — de uma maneira geral, de reduzido grau de dificuldade.

Por outro lado, é importante realçar que eles não são, só por si, a chave para a tradução da frase latina. Nada dispensa a real compreensão da frase no seu todo. No fundo, trata-se sobretudo de fazer notar ao aluno aspectos formais óbvios da língua que, frequentemente, só por serem equacionados, poupam diversos dissabores e ajudam a estruturar o sentido da frase.

Para ilustrar tais pressupostos, aludiremos a dois ou três elementos de análise muito simples e óbvios, servindo-nos de exemplos claros e inequívocos. Incidirão apenas sobre questões de homografia das desinências de caso e funções sintácticas básicas¹.

Questões concernentes à coordenação.

Tomemos o seguinte pressuposto: «num sintagma nominal coordenado, todos os membros da coordenação são da mesma categoria e estão no mesmo caso».

Isto parece claro e é o que acontece na grande maioria dos casos de coordenação a nível de sintagma nominal nos textos latinos habitualmente usados para o ensino. Dificilmente, como falantes do português, aceitamos, como sintagma nominal coordenado, «o rapaz e ontem», «o rapaz

1 Registo uma palavra de agradecimento à Prof. Doutora Inês Duarte, do Departamento de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa, pelas sugestões que gentilmente me facultou.

e a límpida», «o rapaz e de casa». Nestes casos, não se tratará de um sintagma nominal coordenado, mas sim de um outro qualquer tipo de coordenação, eventualmente a nível de frase².

Assim sendo, vejamos um exemplo óbvio que ilustra bem o princípio assumido:

(1) *Itaque Segestani non solum perpetua societate atque amicitia, uerum etiam cognatione se cum populo Romano coniunctos esse arbitrantur.*

CIC. Ver. 4.33.72

O caso de *amicitia* é claríssimo; todavia, ao espírito de um principiante de latim poderia ocorrer a dúvida se o vocábulo poderia estar em nominativo (dúvida que seria desfeita ao verificar que o predicado selecciona um sujeito plural, que, além do mais, está expresso, *Segestani*). Ora, basta olhar para o texto que logo qualquer aluno, mesmo sem ter ainda compreendido a estrutura e o sentido da frase, saberá o caso de *amicitia*: basta reparar que o vocábulo está coordenado com (*perpetua*) *societate*, que é inequivocamente um ablativo; se o pressuposto acima expresso é válido, então *amicitia* só pode estar em ablativo.

Atente-se noutro exemplo:

(2) *[Verres] erexit se tamen et statim quaestori legatoque suo custodes misit compluris.*

CIC. Ver. 5.25.63

Num momento de menos discernimento, o aluno poderia ficar inseguro quanto ao caso de *legato suo*; várias tentativas de tradução poderiam ser aventadas. Todavia, ao compreender que se trata de um sintagma nominal coordenado, o aluno apercebe-se de que *legato suo* só pode estar em dativo: *quaestori* é indubitavelmente dativo.

Um caso semelhante é o seguinte:

2 Não aludiremos a questões de coordenação em que o sintagma nominal aparece sob a forma de constituintes descontínuos; não são os casos mais frequentes no tipo de texto que utilizamos para o ensino. Por outro, a coordenação não é apenas sindética (copulativa ou adversativa); a assindética também auxilia em questões de homografia das desinências casuais (CIC. Sen. 16.58): *Sibi habeant igitur arma, sibi equos, sibi hastas, sibi clauam et pilam, sibi uenationes atque cursus*. *Arma* está naturalmente em acusativo. Em *qui teneant (nam inculta uidet), hominesne feraene, / quaerere constituit* (Aen. 1.308-9), tanto *homines* como *ferae* estão necessariamente no mesmo caso.

(3) *Itaque aliquando multis malis magnoque metu uicti Segestani praetoris imperio parendum esse decreuerunt.*

CIC. Ver. 4.34.76

Poder-se-ia dar a circunstância de haver uma hesitação quanto ao caso de *multis malis*, se dativo se ablativo: mas visto que o sintagma está coordenado com um outro inequivocamente em ablativo (note-se *metu*), a hipótese de estar em dativo tem de ser afastada. Desta forma, com o princípio acima enunciado o aluno obtém a confirmação do seu raciocínio.

Deixemos estes casos mais ou menos óbvios e observemos alguns de maior interesse:

(4) *Qui gentis omnis mariaque et terras mouet
eius sum cuius ciuitate caelitur.*

PL. Rud. 1-2

No exemplo (4), o latinista neófito (talvez esquecido de que os adjetivos que seguem o paradigma da 3ª declinação, bem como as palavras de tema misto no plural, se comportam como tema em *-i-*) poderia hesitar, se *gentis omnis* seria um genitivo; ao persistir nesse erro, a interpretação da frase seria catastrófica; mas se ele reparar que ele faz parte de um sintagma nominal coordenado e que *terras* (já que *maria*, por ser neutro, também não ajuda) só poderá ser acusativo, chegará à conclusão de que este é o caso do sintagma. Logo, *gentis omnis* encontra-se em acusativo do plural, contando a sequência *gentis omnis mariaque et terras* como uma única unidade, com a função de objecto directo.

Outras vezes, o pressuposto enunciado pode orientar o aluno na procura e classificação da entrada lexical.

(5) *ferarum uolucrumque*

[OV. Met. 10.144]

Para o principiante, *uolucrum* poderia sugerir-lhe um acusativo do singular de uma palavra de tema *-o/e-*; mas se tiver presente também aqui o pressuposto enunciado, não deixaria de equacionar a hipótese de se tratar de um genitivo, regendo-se, por conseguinte, a palavra pelo paradigma da 3ª declinação; pela análise da frase, esta hipótese é confirmada.

Em suma, se o aluno tiver presente o pressuposto óbvio acima enunciado, a atenção às questões de coordenação ajuda a discernir, na maior parte das ocorrências, o caso de determinada forma lexical quando camuflada pela homografia, e, conseqüentemente, a estruturar a frase.

Questões concernentes à adjectivação

Com esta designação, denomino uma elementar estratégia de análise concernente a um fenómeno da língua sobejamente familiar de todos os falantes de português: «um sintagma adjectival não pode ser constituinte imediato de frase, ou seja, tem de estar sempre dependente de um sintagma nominal ou pronominal ou de um sintagma verbal cujo núcleo é um verbo predicativo»³. Em termos muito práticos, a consequência disto é que, para cada adjectivo na frase, temos de ter um substantivo ou pronome, expresso ou elidido, no mesmo caso, género e número. Isto é perfeitamente óbvio, mas o surpreendente é as vezes que os principantes se enganam no raciocínio de estruturação da frase devido a não ligarem os adjectivos correctamente aos substantivos. Atente-se no seguinte exemplo muito simples, para ilustrar o pressuposto assumido:

(6) *Illa uolat celerique ad terram turbine fertur
non secus ac neruo per nubem impulsu sagitta [...]*

VERG. *Aen.* 12.855-6

Para o principiante de latim, *celeri* poderia oferecer algum motivo de hesitação, se dativo ou ablativo. Vejamos: se o pressuposto acima expresso tem pertinência, temos de considerar que, na frase, terá de haver um nome ou pronome no mesmo caso, género e número; analisando os elementos (que são apenas cinco, note-se), rapidamente se chega à conclusão de que não há nomes ou pronomes em dativo do singular; logo, a hipótese de se tratar do ablativo é imediatamente validada. *Celeri* está em ablativo, pois só pode concordar com *turbine*, uma vez que este é o único elemento que preenche as condições de concordância. Como argumento *a contrario*, nenhum substantivo ou pronome ocorre na oração em dativo do singular.

Vejamos agora alguns exemplos em que as questões de homografia de desinências de caso concernem aos nomes:

(7) *Interea cum meis copiis omnibus uexauit Amaniensis, hostis sempiternos.*

CIC. *Fam.* 2.10.3

Perante o exemplo (7), o aluno principiante poderia hesitar quanto ao caso em que se encontra *Amaniensis* e *hostis*; provavelmente, reconhece-

3 Não consideraremos casos de sintagmas nominais de núcleo vazio. Um exemplo é *omnes*, onde se pode presumir uma regra lexical de mudança de categoria.

rá que *hostis sempiternos* será um prolongamento de *Amaniensis*, ou seja, o seu apostro; ora, *hostis* é facilmente identificável, se tivermos em conta a noção de concordância: *hostis* tem de estar obrigatoriamente em acusativo do plural, visto que na frase apenas ele preenche as condições de concordância com *sempiternos*. Por outras palavras, nenhum outro substantivo ou pronome ocorre na frase que pudesse concordar com o adjectivo. Assim sendo, *Amaniensis* estará igualmente em acusativo. Já voltarei a este exemplo.

(8) *Postquam acies uidet Iliacas atque agmina Turni,*

VERG. *Aen.* 12.861

Independentemente do contexto anterior, o aluno, ciente do princípio enunciado, nunca deverá considerar *acies* como um nominativo: *Iliacas*, de caso inequívoco (para mais, fazendo parte de um sintagma nominal coordenado em acusativo), ficaria isolado. Ora, o adjectivo necessita de estar integrado num sintagma nominal. Daí, *acies* encontrar-se naturalmente em acusativo, integrando uma unidade única, o sintagma nominal objecto directo *acies Iliacas atque agmina Turni*.

Por outro lado, a própria questão referente à coordenação acima mencionada corrobora esta classificação: *agmina* terá de estar coordenado com outro substantivo em acusativo; se assim não fosse, *atque* seria dificilmente explicável; ora, *acies* pode preencher, de um ponto de vista formal, esse lugar.

Vejamos um outro exemplo, num contexto mais amplo:

(9) *Vix ea fatus erat, geminae cum forte columbae
ipsa sub ora uiri caelo uenere uolantes,
et uiridi sedere solo. Tum maximus heros
maternas agnouit auis laetusque precatur.*

VERG. *Aen.* 6.190-193

Um aluno principiante poderia, em caso de menor lucidez, hesitar quanto ao caso de *auis*; considerar a forma como genitivo ou nominativo singular seria quase regra geral, e «a frase não faria sentido». Mas, se ele tiver presente o pressuposto acima expresso, a identificação correcta do caso ressalta quase espontaneamente. Vejamos: *maximus heros* será indubitavelmente nominativo, logo, sujeito da frase; *maternas*, para um falante de português, não exige quaisquer pesquisas de dicionário — há-de ser algo como «maternas», logo, um adjectivo, e inquestionavelmente em acusativo feminino plural —; nesse caso, o outro único nome, *auis*, terá de estar obrigatoriamente em acusativo feminino plural (o que faz

todo o sentido para palavras de tema em -i-). E repare-se de passagem, e retomando o que dissemos sobre as questões de coordenação, que, analisando assim a frase, é óbvio que *laetus* pertence a uma outra oração, uma vez que existe uma partícula coordenativa que não constitui um sintagma nominal coordenado (*auis* e *laetus* não estão no mesmo caso). Por outras palavras, a coordenação *auis laetusque* assinala a divisão das orações, uma vez que os elementos estão em casos diferentes.

Atente-se no seguinte exemplo:

- (10) *Quas quia Pygmalion aeuum per crimen agentis
uiderat, offensus uitiis, quae plurima menti
femineae natura dedit*, [...]

OV. *Met.* 10.243-5

Agentis é mais ou menos facilmente reconhecido como um participio, logo, um adjectivo verbal; mas, em situação de exame, pode advir uma hesitação quanto ao caso, e por isso a que elemento o ligar. A hipótese mais imediata para o aluno seria considerar a forma como genitivo do singular; nesse caso, a frase ficaria caótica na interpretação. Ora, seguindo o raciocínio acima expresso, se é um adjectivo, tem de ocorrer um substantivo ou pronome no mesmo caso, género e número na frase: posta a questão nestes termos, a única hipótese válida é *agentis* concordar com *quas*, o que dará o sentido correcto: porque Pigmalião via «as mulheres passando a vida no crime», «que as mulheres viviam por meio do crime»...

A mesma dificuldade poderia ocorrer quanto a *femineae*; facilmente reconhecido como um adjectivo, a tentação de ver nele um genitivo seria forte (nominativo do plural seria facilmente afastado ao olharmos para o predicado); acontece que o único nome capaz de seleccionar um dos casos em questão (genitivo e dativo do singular; nominativo do plural) é *menti*; longo, *femineae* encontra-se em dativo.

Outras vezes, ter em atenção uma correcta articulação nome + adjectivo poupa tempo e transmite segurança ao aluno.

- (11) ... *conlocari iussit hominem in aureo lecto ... , abacosque compluris ornauit argento auroque caelato.*

CIC. *Tusc.* 5.21.61

A insegurança do aluno poderia ser suscitada pelo *compluris*, se não seria um genitivo (hipótese absurda, tanto mais que o adjectivo só tem formas do plural). Ora, para o adjectivo estar em genitivo, seria necessá-

rio que ocorresse na frase um nome ou pronome igualmente em genitivo; logo, *apenas* pode ser acusativo do plural a concordar com *abacos*.

(12) *Auaritia uero senilis quid sibi uelit non intellego.*

CIC. *Sen.* 18.66

Para o principiante de latim, tanto o caso de *auaritia* como o de *senilis* poderiam levá-lo a sentir-se inseguro, numa situação de menor discernimento. De um ponto de vista estritamente formal, o primeiro poderá estar em nominativo ou ablativo singular; o segundo, em nominativo ou genitivo do singular, ou acusativo plural; ora, o caso correcto só poderá ser o caso comum a ambos os vocábulos, uma vez que não temos na frase mais nenhum nome ou adjectivo. Como consequência, e atendendo ao facto de que *intellego* está na 1ª pessoa (com as consequências que abaixo referiremos), *auaritia senilis* está inquestionavelmente em nominativo e é o sujeito da única oração que o permite, a completiva interrogativa indirecta, encontrando-se, deste modo, deslocado para o exterior da oração.

Questões concernentes ao predicado.

Nem sempre deparamos com uma correcta análise do predicado por parte dos estudantes principiantes de latim. E no entanto, ele é extremamente elucidativo, pois transmite inúmera informação, muita da qual pode ser utilizada para discernir questões de homografia de casos. Deste modo, é importante que o iniciado de latim ganhe desde logo uma certa disciplina de análise e que essa análise seja exaustiva.

O primeiro aspecto diz respeito à noção mais óbvia para um falante de português: «o predicado concorda em número com o sujeito».⁴ Ora, não deixa de surpreender a quantidade de vezes que os alunos se esquecem desta noção para determinar o caso, e, ao mesmo tempo, extrair informação sobre o sujeito. No exemplo (10), *femineae*, e pondo agora de lado o facto de ser adjectivo, nunca poderia ter algo a ver com o sujeito da frase, na medida em que o verbo se encontra no singular. Este aspecto dispensa grandes exemplificações.

Um ponto onde se evidencia a importância da consideração do número do predicado para a validação do sujeito é quando ocorrem sin-

⁴ Naturalmente, pomos de lado questões específicas de concordância sujeito / predicado presentes nos compêndios de gramática, mas pouco expressivos em termos de percentagem nos textos habitualmente utilizados nas aulas.

tagmas nominais neutros na frase, que, aparentemente, podem preencher os requisitos de sujeito e de objecto directo. Vejamos um exemplo óbvio:

- (13) *Curio ad focum sedenti magnum auri pondus Samnites cum attulissent, repudiati sunt.*

CIC. Sen. 16.55

Independentemente da compreensão do sentido da frase, bastaria ao aluno, perante uma hesitação se *pondus* seria nominativo ou acusativo, adiantar a sua análise e procurar o predicado: o número deste indica inequivocamente que (*magnum*) *pondus* se encontra no acusativo.

Vejamos outro exemplo num contexto mais amplo:

- (14) *cum pubem Albanam in arcem praesidio armisque obtinendam auocasset, postquam iuuenes perpetrata caede pergere ad se gratulantes uidit,*

LIV. 1.6.1

Iuuenes, no meio de um contexto tão amplo, poderia, à partida, de um ponto de vista estritamente formal, encontrar-se em nominativo ou acusativo do plural; para desfazer imediatamente a dúvida, um olhar ao predicado (*uidit*) informa o aluno de que se encontra inquestionavelmente no acusativo.

Diga-se de passagem que, se o predicado tem uma forma morfológica perifrástica (voz passiva, depoente, construções perifrásticas), além de nos transmitir informação sobre o número do sujeito, o particípio dá-nos informação sobre o género: no exemplo (9) (*Vix ea fatus erat*), o aluno deveria, de imediato, chegar à conclusão de que *ea* é o acusativo do plural, e, por conseguinte, o complemento directo — das hipóteses à partida, nominativo do singular ou plural é afastado pois *fatus* selecciona um sujeito masculino.

Em segundo lugar, dever-se-ão considerar os outros complementos que o verbo selecciona. Por exemplo, se o verbo é transitivo, o objecto estará inevitavelmente expresso na frase⁵:

- (15) *Nec nunc quidem uiris desidero adolescentis — non plus quam adulescens tauri aut elephanti desiderabam.*

CIC. Sen. 9.27

5 Não consideraremos o caso, comum nas línguas românicas, de verbos transitivos inacusativos, que, na verdade, constituem uma lista fechada: são os casos de verbos como *escrever*, *ler*, *comer* (cf. *ele come muito bem*; *ele lê muito bem*).

No contexto apresentado, *desidero* é necessariamente transitivo; ora, estando o lugar de objecto directo por preencher, *uiris* é o único elemento que apresenta condições de ocupar esta posição (sintagma nominal ou pronominal em acusativo), e, por conseguinte, deve de imediato ser considerado pelo aluno em acusativo. De outra forma, a frase ficaria algo agramatical. Assim, evitar-se-ia que o aluno sucumbisse à tentação de considerar *uiris* um dativo ou ablativo do plural de *uir*, *uiri* ou outras coisas mais extravagantes.

Retomemos o exemplo (7):

Interea cum meis copiis omnibus uexauit Amaniensis, hostis sempiternos.

CIC. *Fam* 2.10.3

O verbo *uexo* selecciona naturalmente um objecto directo; por mais refractário que o aluno estivesse à solução correcta, porventura esquecido de novo das palavras de tema em *-i-*, o único sintagma que preenche as condições de objecto directo é justamente *Amaniensis, hostis sempiternos*. Aqui, a estratégia de análise da adjectivação, acima referida, actuaria como teste de confirmação.

O exemplo (9) também se presta a esta análise:

*Tum maximus heros
maternas agnouit auis laetusque precatur.*

VERG. *Aen.* 6.192-193

Vimos acima que *auis* apenas pode ser acusativo do plural devido ao adjectivo *maternas*. Isto obtém confirmação na análise do predicado: *agnosco* selecciona dois lugares, sujeito e objecto directo; visto que *auis* (*maternas*), e apenas ele, pode preencher as condições de núcleo de um sintagma objecto directo (é o único nome com uma desinência passível de ser a de acusativo) e que o verbo selecciona obrigatoriamente este lugar, a classificação anteriormente estabelecida obtém confirmação.

Por outro lado, um aspecto importante para a classificação dos casos numa situação de homografia é, além das noções simples concernentes ao sujeito e objecto directo, atentar na estrutura argumental dos verbos com mais de dois lugares. No fundo, é habituar os alunos a um certo «limiar de expectativa» a partir da análise do predicado. Para dar um exemplo, perante um verbo como *reddo*, o aluno deverá «aguardar» uma estrutura argumental de três lugares, composta de sujeito, objecto directo e indirecto.

Assim, nas frases

(16a) *Quem taurum cum Scipio redderet Agrigentinis, dixisse dicitur aequum esse illos cogitare utrum ...*

CIC. Ver. 4.33.73

(16b) *Illo tempore Segestanis maxime cum cura haec ipsa Diana, de qua dicimus, redditur.*

CIC. Ver. 4.34.74

o aluno não terá qualquer hesitação quanto ao caso de *Agrigentinis* e de *Segestanis*: é naturalmente o dativo — o ablativo não faria qualquer sentido ficando a estrutura argumental não-saturada. Deste modo, obtém uma confirmação para a sua hipótese, caso estivesse inseguro.

O mesmo é válido para um verbo de um só lugar:

(17) *solisque uapore
concaua litorei feruebant bracchia Cancri.*

OV. Met. 10.126-7

Basta atentar na estrutura argumental do verbo, para o aluno se aperceber que *concaua bracchia* apenas pode ser, neste contexto, nominativo; conseqüentemente, *litorei Cancri* só se pode encontrar em genitivo (pois a posição de nominativo já está preenchida), determinando o sintagma anteriormente referido.

Outros elementos de análise podem ser extraídos do predicado. Assim, é óbvio para os falantes de português que «quando o predicado está na 1ª ou 2ª pessoas não há sintagma de núcleo nominal na frase com função de sujeito».

Ilustremos esta asserção com um exemplo muito simples:

(18) *mea opera, Q. Fabi, Tarentum recepisti!*

CIC. Sen. 4.11

O sintagma *mea opera* poderia causar alguma hesitação ao estudante de latim; aparentemente, são várias as hipóteses (nominativo ou ablativo do singular para *opera*, -ae; nominativo ou acusativo do plural para *opus*, -eris). Porém, se ele tiver presente a noção acima expressa, elimina de imediato o nominativo, visto que o predicado está na 2ª pessoa, logo não poderia preencher o lugar de sujeito; em seguida, o acusativo, uma vez que a posição de objecto directo está ocupada por *Tarentum*; resta o ablativo, a solução correcta: «foi com o meu auxílio, Quinto Fábio, que tomaste Tarento»...

Por vezes, até as noções mais óbvias parecem falhar numa situação de menor lucidez.

- (19) *grauissimumque ei rei supplicium cum cruciatu constitutum est.*
CAES. Gal. 6.17

Por si só, de um ponto de vista estritamente formal, o sintagma *grauissimum supplicium* tanto pode estar em nominativo como em acusativo; a dúvida é instantaneamente desfeita pela forma verbal — basta atentar na voz.

A mesma situação encontramos no exemplo seguinte:

- (20) *Vix erat hoc plane imperatum, cum illum spoliatum stipatumque lictoribus uideres.*
CIC. Ver. 4.40.86

Para a classificação do caso de *hoc*, não são necessárias grandes análises, bastando ao aluno reparar no predicado: *hoc* está naturalmente em nominativo, pois o predicado está obviamente na voz passiva.

O mesmo se passa quando o predicado é *sum* ou equivalente. Na frase

- (21) *Erat admodum amplum et excelsum signum cum stola;*
CIC. Ver. 4.34.74

o aluno deve considerar, de imediato, *amplum et excelsum signum* em nominativo, pois, quando o predicado é o verbo *sum* ou equivalente, é óbvio que não há na frase acusativos com a função de algo inexistente — objecto directo. E o que é surpreendente são os enganos a que assistimos todos os dias perante um caso tão simples.

De qualquer forma, o mais importante é uma análise rigorosa e «lógica» do predicado: o número e pessoa, transmitem-nos informação sobre o sujeito, permitindo deste modo resolver algumas questões de homografia de desinências casuais; o lado direito da estrutura argumental permite-nos resolver os restantes pontos, ajudando a estruturar a frase.

* *
*

Em suma, muitos outros testes linguísticos, simples e funcionais, poderiam ser imaginados e fornecidos aos alunos principiantes como «elementos de recurso» numa situação de dificuldade em organizar as

ideias. A atenção prestada a aspectos formais muito simples, como os acima mencionados, permite ao aluno saber resolver os momentos de hesitação ou de bloqueio, no que respeita à identificação dos casos, ou pura e simplesmente obter uma confirmação segura e inequívoca para as diversas etapas do seu raciocínio.

Mas, a nosso ver, o mais importante é podermos auxiliar o principiante e desfazer um pouco a imagem de arbitrariedade das regras do latim — no caso que tratámos, concernentes à homografia das desinências casuais. No fundo, há sempre estratégias relacionadas com os contextos que permitem desambiguar de uma forma «lógica» as questões de homografia. E ao ajudarmos o aluno a organizar o seu raciocínio, fornecendo-lhe linhas de orientação simples e muito práticas, contribuimos para uma maior motivação no estudo do latim, com tudo o que de positivo daí advém. Desta forma, esperamos que nunca haja hipótese de acabarmos como S. Cassiano, um professor mártir imortalizado pelo hino IX dos *Peristephanon* de Prudêncio, que foi supliciado pelos próprios alunos com os estiletos com que escreviam nas tabuinhas de cera...